

POR UMA PERSPECTIVA NÃO ATOMÍSTICA DAS CONSTRUÇÕES RELACIONAIS INTENSIVAS ATRIBUTIVAS: REFLEXÕES EM TORNO DO EMPARELHAMENTO DE PAPÉIS TEMÁTICOS E DA CONFIGURAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DA ORAÇÃO RELACIONAL

FOR A NON-ATOMISTIC PERSPECTIVE OF ATTRIBUTIVE INTENSIVE RELATIONAL CONSTRUCTIONS: REFLECTIONS ON THE PAIRING OF THEMATIC ROLES AND THE MORPHOSYNTACTIC CONFIGURATION OF THE RELATIONAL CLAUSE

Jhonathan Leno Reis França Santana¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo tecer reflexões de natureza teórica acerca do estatuto gramatical das orações relacionais intensivas atributivas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Para isso, o texto retoma resultados obtidos por Santana (2021) no que se refere à descrição desse tipo de oração. O problema constatado se refere à dificuldade em explicar a seleção dos participantes da oração como função do processo, bem como em descrever a seleção dos papéis participantes codificados por esses constituintes com base na semântica do verbo. A hipótese é a de que os constituintes dessas orações são função da construção, e não da centralidade do predicador. Como suporte à explanação, operou-se a seleção de 91 orações relacionais intensivas. Observaram-se aspectos dessas construções não descritos pelo pesquisador na investigação antecedente, como: a natureza dos constituintes codificadores do Portador, a frequência de ocorrência das formas verbais, a relação dessas formas com as redes de qualificação e classificação, dentre outros pontos. O texto conclui propondo uma mudança de perspectiva para o tratamento das construções relacionais. Essa mudança poderá possibilitar respostas a questões em aberto no que se refere à natureza dessas construções.

PALAVRAS-CHAVE: Orações Relacionais. Linguística Sistêmico-Funcional. Gramática de Construções.

ABSTRACT: The objective of this article is to make reflections of a theoretical nature on the grammatical status of attributive clauses (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). For this, the text takes up results obtained by Santana (2021) with regard to the description of this type of clause. The problem found refers to the difficulty in explaining the selection of the participants of the clause as a function of the process, as well as in describing the selection of participant role coded by these constituents based on the semantics of the verb. The hypothesis is that the constituents of these clauses are a function of the construction, and not of the centrality of the predicator. In support of the explanation, the selection of 91 intensive clauses collected was carried out. Aspects of these constructions not described by the researcher in the previous investigation were observed, such as: the nature of the coding constituents of the Carrier participant, the frequency of occurrence of verbal forms, the relationship of these forms with

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL – UFES). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFES. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). E-mail: lnoreisf@gmail.com.

the qualification and classification networks. The text concludes by proposing a change of perspective for the treatment of relational constructions. This change may enable answers to open questions regarding the nature of these constructions.

KEYWORDS: Relational Clauses. Systemic-Functional Linguistic. Constructions Grammar.

Considerações iniciais

O filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, um dos principais responsáveis pelo estabelecimento dos estudos semióticos, afirma que as relações tricotômicas são o que permite ao pensamento realizar sínteses entre *termos*, *proposições* e *silogismos* e que estariam na essência da linguagem humana. Peirce (2010, p. 11) sustenta que “deveria haver três classes de *signos*, pois há uma conexão tripla de *signo*, *coisa significada* e *cognição produzida na mente*”.

Percebe-se, no raciocínio do semioticista, a convergência de três eixos responsáveis pela efetivação do processo semiótico, a saber: (i) o eixo da relação indissociável entre forma e significado, o eixo do *signo*; (ii) o eixo da relação que o signo estabelece com a referência, instância do real extralinguístico; e (iii) o eixo da atividade cognitiva do sujeito, relativo ao domínio de construção da experiência.

Segundo o pensador, “a mera coexistência de dois fatos singulares constitui uma forma degenerada de um fato duplo” (PEIRCE, 2010, p. 11). Isso ocorre porque há a necessidade de algo que realize o relacionamento entre os dois fatos, que por seu emparelhamento direto não resultam em uma unidade sintética. Assim, uma proposição² como:

(1) *Algo é branco.* (PEIRCE, 2010, p. 11)

apresenta dois termos (fatos), que são descrições gerais, “Algo” e “branco”. Todavia, para que a relação de síntese entre os termos ocorra, torna-se necessária a presença de um terceiro elemento, que no caso do exemplo 1 é expresso pela *cópula* “é”. Reiteramos que segundo o pensamento do autor, a síntese entre essas descrições gerais somente é possível como decorrência do papel do eixo da atividade cognitiva do sujeito (iii).

² Neste momento do texto, utiliza-se o termo proposição, pois é o escolhido Peirce (2010) para refletir acerca do processo de raciocínio gerador da capacidade sintetizadora da mente humana. Contudo, cabe ressaltar que o exemplo selecionado consiste de uma oração relacional intensiva, que são as construções gramaticais primeiramente analisadas pela lógica clássica (ARISTOTELES, 2005) e que ainda perpassam os estudos de muitos lógicos na atualidade.

O propósito em iniciarmos a discussão por essas reflexões de Peirce (2010) se relaciona com o fato de que algumas abordagens sobre a linguagem, como doutrinas instituídas no Paradigma Tradicional de Gramatização (VIEIRA, 2018), parecem negar o estatuto lógico-semântico que construções como a do exemplo 1 apresentem verbos que expressem significados. A reflexão que aqui se pretende realizar vai na contramão desse entendimento, pois se posiciona de um ponto de vista em que as formas da língua apresentam contrapartes semânticas. Como postula Halliday (1985), o sistema linguístico é um potencial de significação, nele, a razão de ser das formas é significar. Por isso, impõe-se com urgência o alargamento da compreensão acerca da natureza do significado, pois como revelam os estudos semânticos, sua natureza é heteróclita e difusa, não se deixando captar por inteiro.

Algumas obras do Paradigma Tradicional de Gramatização difundem a doutrina de que o predicado nominal (correlativo gramatical do conceito lógico de proposição) apresenta um verbo destituído de significado, consistindo em uma palavra gramatical (LUFT, [1976] 2013). O significado, nesse tipo de predicado, fica ao elemento predicativo (nomes), que segundo Luft ([1976] 2003), ocupa a terceira posição na ordem da oração:

O trem	estava/chegou	atrasado	quando chegou
1	2	3	4

Fonte: Luft ([1976] 2003, p. 53).

Contudo, mais à frente, na parte em que discute o predicado nominal, esse gramático afirma que diferentes são os aspectos que podem ser expressos pelos verbos de ligação: estado normal/habitual; estado transitório; mudança de estado; duração ou continuidade de estado; e, semelhança, dúvida de estado. Essa afirmação parece contradizer a definição defendida pelo autor, de que verbos de ligação são apenas palavras gramaticais, destituídas de significado.

Sob a mesma perspectiva, Cunha e Cintra ([1985] 2007) propõem que os verbos de ligação (também denominados copulativos) “funcionam apenas como elo entre o sujeito e o predicativo” (p. 147), tal como uma conjunção (também considerada apenas uma palavra gramatical). Mas, novamente, à semelhança de Luft ([1976] 2003), aqueles gramáticos indicam que os verbos de ligação expressam: estado permanente; estado transitório; mudança de estado; continuidade de estado; e aparência de estado. Essa indicação evidencia distinções de natureza semântica, e não unicamente gramaticais.

A fim de efetuarmos uma comparação entre doutrinas gramaticais solidamente assentadas na ambiência dos estudos tradicionais, pois as três gramáticas selecionadas representam obras de amplo conhecimento e reconhecimento por parte de muitos estudiosos de fenômenos gramaticais, apresentamos também a compreensão de Rocha Lima ([1972] 2013) sobre a natureza do predicado nominal. Para esse autor, no predicado nominal, o núcleo é ocupado por um nome, que pode ser substantivo, adjetivo ou pronome. No exemplo:

(2) *Pedro está doente.* (ROCHA LIMA, [1972] 2013, p. 293)

O gramático diz que a declaração feita sobre o sujeito “Pedro” está contida no adjetivo “doente”, que seria, na realidade, o predicado. Sobre o verbo que figura nessa oração, caberia apenas a expressão do aspecto sobre o qual se considera a condição (estado) de doente. Entretanto, diferentemente das obras anteriores, a gramática de Rocha Lima ([1972] 2013) não circunscreve os verbos de ligação ao grupo das palavras gramaticais, não explicitando o grupo de palavras em que estariam incluídos esses verbos, segundo sua concepção.

A análise das três obras revela uma dificuldade desses gramáticos em estabelecerem o estatuto categorial dos verbos de ligação, pois ao considerá-los apenas como conectores, meras palavras gramaticais, ficam excluídas, com base na doutrina tradicional, considerações semânticas. Pondera-se que essa dificuldade está no fato de que, embora expressem significados muito gerais, os verbos copulativos não são destituídos de significado, pois além de expressarem diferentes aspectos, são eles os responsáveis pelo significado de *estado*. Em outras palavras, são esses verbos que instanciam na oração um desdobramento temporal estático, como descrevem Halliday e Matthiessen (2014). Esses traços semânticos, reconhecidos pelas três obras de descrição gramatical, inviabilizam a compreensão de que o verbo que ocorre no predicado nominal seja um mero conector, ou um elemento destituído de sentido.

Retornando a Peirce (2010), a unidade sintética de orações com predicado nominal só é possível pela presença do terceiro elemento, o verbo que opera a cópula. Essa consideração é de extrema importância quando se considera a atividade cognitiva do falante, que pode ser linguisticamente aferida, precisamente, pela presença do verbo copulativo (verbo de ligação). Em certa medida, a perspectiva peirciana parece se conciliar com a posição sistemicista de que todos os tipos de processos (grupos verbais) instanciam significados na estrutura representacional da oração, e que, no caso dos processos relacionais, isso se dá pela instanciação

de um significado generalizador (de síntese) no que se refere às entidades participantes da figura (*figure*) linguisticamente codificada.

É no bojo dessas reflexões que o presente texto intenciona realizar uma discussão sobre o estatuto léxico-gramatical e construcional das orações relacionais intensivas atributivas. Por conseguinte, realizar-se-á uma interface entre a perspectiva teórica da Linguística-Sistêmico Funcional (LSF), quanto a esse tipo de oração, e o conceito de *construção* desenvolvido por Goldberg (1995, 2006).

A organização das próximas seções deste texto se dá da seguinte forma: inicia-se discutindo a perspectiva metodológica adotada neste trabalho; a seguir adentra-se no ponto de vista efetivamente adotado pela Gramática Sistêmico-Funcional, além da proposta de Santana (2021) no que se refere à abordagem das especificidades das orações relacionais intensivas atributivas, propondo-se uma abordagem construcional para as orações relacionais intensivas atributivas; as duas últimas seções são voltadas à discussão dos resultados oriundos da análise da amostra selecionada e às considerações finais.

De onde se parte: perspectiva metodológica

O presente estudo está em consonância com a tendência qualitativa e holística assumida atualmente pelas investigações funcionalistas (OLIVEIRA, 2012). Esse posicionamento representa um compromisso com a acuidade e a especificação na análise e descrição dos fatos observados.

Conforme o entendimento funcionalista, faz-se necessário que os dados sejam analisados à luz de seu contexto de ocorrência, o *uso linguístico*. Entretanto, há que se modalizar esse axioma funcionalista. Lançar luz aos fatores pragmático-discursivos que regulam o *Discurso* não representa conceder menor importância à *Gramática* que instancia esse uso.

Assim, assumimos a compreensão de que, na trajetória bidirecional que se estabelece entre a *Gramática* e o *Discurso*, a *Semântica* exerce papel central, configurando-se como eixo de ligação entre esses dois componentes da linguagem. Consequentemente, o nível semântico é afetado tanto por fatores pragmático-discursivos, quanto por fatores internos ao sistema. Conforme Santana (2021, p. 87), “da relação entre a Gramática e a Semântica resultam as

relações entre *forma* e *significado*, relações simbólicas (PERINI, 2008). Da relação entre a *Semântica* e o *Discurso* resultam as escolhas linguísticas efetuadas pelos indivíduos”.

Considerando a trajetória citada no parágrafo anterior e a relação entre os segmentos que interligam os componentes, o posicionamento qualitativo assumido por este trabalho especifica os fatores internos à construção das orações relacionais, a relação simbólica que se estabelece entre a estrutura dos constituintes e das orações e o seu significado.

Como categorias analíticas, utilizamos os seguintes quatro parâmetros, desenvolvidos por Santana (2021):

- 1- Papéis Semânticos das Estruturas Emparelhadas (PSEE) – *visa a descrever os pares de papéis temáticos selecionados pelas orações relacionais.*
- 2- Propriedades das Estruturas de Agnação (PEA) - *objetiva descrever as configurações morfossintáticas e as especificidades semânticas das estruturas em que se pode operar a reversão posicional entre os participantes da oração.*
- 3- Relação Semântica entre os Participantes (RSP) – *delimita o esquema representacional da estrutura com base na relação entre participantes e processos nos diferentes tipos de orações relacionais.*
- 4- Natureza do Atributo (NATT) – *desenvolvido para a descrição das orações relacionais atributivas, verifica a natureza concreta (referencial) ou abstrata (não referencial) do participante Atributo.*

Além desses parâmetros, também nos servimos do conceito de Goldberg (1995, 2006), como parâmetro para a análise da cláusula relacional enquanto um complexo construcional linearizado (sem hierarquia de certos constituintes sobre outros).

Resultados de frequência também foram observados. Como afirma Givón (2012), verificar a frequência de uso das estruturas linguísticas possibilita ao analista compreender a natureza discursiva dessas estruturas.

A amostra selecionada para estudo neste texto consiste em 91 orações relacionais intensivas atributivas, coletadas por Santana (2021)³. Essas orações integravam a estrutura textual de 48 sequências relatadas por vítimas de violência homofóbica, publicadas em cinco reportagens veiculadas *on-line* por 5 sites jornalísticos, quais sejam: BuzzFeed Brasil, UOL, Globo Esporte, Bol e Projeto Colabora. Os textos publicados por esses sites são de acesso livre, o que facilitou o processo de coleta dos dados.

A presença de relatos de vítimas de violência homofóbica foi o critério norteador para a seleção das reportagens (SANTANA, 2021). Por conseguinte, reportagens que não apresentaram relatos de vítimas não foram selecionadas. Inicialmente, objetivava-se a construção de um recorte temporal que abarcasse o intervalo entre os anos de 2014 e 2019, anos subsequentes à publicação do *Relatório da Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013* (último relatório da série iniciada em 2011). Contudo, não se obteve sucesso em coletar reportagens publicadas no ano de 2015. O quadro a seguir apresenta as informações relativas ao *corpus*:

Quadro 1: Caracterização das reportagens selecionadas para a coleta dos dados.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE		
Sites Jornalísticos	Título da Reportagem	Autoria e Ano da Publicação
Buzzfeed Brasil	20 histórias reais que mostram que agressões psicológicas sofridas por gays são tão traumáticas quanto as físicas (GIUSTI, 2014) ⁴	Giusti (2014)
UOL	Homossexuais relatam agressões e preconceitos e dizem: “não esqueceremos” ⁵	Perobelli (2016)
Globo Esporte	Basta de homofobia: relatos de gay, lésbica, bi, trans e travesti no esporte ⁶	Oliveira e Jorge (2017)

³ O *corpus* analisado por Santana (2021) continha 181 orações relacionais dos três tipos descritos por Halliday e Matthiessen (2014). Desse conjunto, a ocorrência de orações relacionais intensivas atributivas representou 50,28% (91 orações) dos dados.

⁴ Acesso em: <<https://www.buzzfeed.com/br/irangiusti/situacoes-que-lgbts-passam-e-mostram-que-homofobia-vai-alem>>

⁵ Acesso em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/homossexuais-relatam-agressoes-e-preconceitos-e-dizem-nao-esqueceremos.htm>>

⁶ Acesso em: <<https://globoesporte.globo.com/ce/noticia/basta-de-homofobia-relatos-de-gay-lesbica-bi-trans-e-travesti-no-esporte.ghtml>>

BOL	Depoimento de jovem gay que sofreu ataque homofóbico em Santos viraliza nas redes sociais ⁷	Querino (2018)
Projeto Colabora	10 relatos que mostram a importância de criminalizar a lgbtfobia ⁸	Fernandes (2019)

Fonte: elaboração própria.

As orações relacionais na perspectiva da GSF e sob a noção de construção desenvolvida por Goldberg (1995, 2006)

A LSF (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) estabelece uma arquitetura gramatical modelada na forma de sistemas e redes sistêmicas instanciadores das estruturas sintáticas e semânticas das orações. Por se tratar de uma teoria funcionalista, considera-se que esses sistemas e redes são acionados pelos falantes de uma língua para a construção dos textos em contextos de uso específicos.

Um desses sistemas é o sistema de orações relacionais e suas redes ideacionais, nas quais verifica-se uma tipologia tripartite no que se refere às configurações léxico-gramaticais assumidas pelas orações desse sistema (domínio). Os três tipos de orações relacionais registrados pelas pesquisas sistemicistas são: possessivas, circunstanciais e intensivas. Este último tipo, como já mencionado, representa o objeto analisado neste trabalho. A seguir, apresentam-se exemplos desses tipos de orações:

(3) Ela não está muito interessada na comida – *oração relacional intensiva atributiva*. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 270)

(4) O encontro será sexta-feira – *oração relacional circunstancial atributiva*. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 289)

⁷ Acesso em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/depoimento-de-jovem-gay-que-sofreu-ataque-homofobico-em-santos-viraliza-na-redes-socias>>

⁸ Acesso em: <<https://projetcolabora.com.br/ods5/relatos-para-entender-por-que-brasil-deve-criminalizar-lgbtfobia/>>

(5) Emily tem um piano – *oração relacional possessiva atributiva*. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 289)

Esses três tipos de orações ainda se subdividem nos modos *atributivo* e *identificativo*, o que resulta em um total de seis tipos de construções possíveis: (i) orações intensivas identificativas e atributivas; (ii) orações circunstanciais atributivas e identificativas; e (iii) orações possessivas atributivas e identificativas. Cada modalidade de oração relacional apresenta dois participantes inerentes (obrigatórios): o Portador e o Atributo, para as orações do modo atributivo, e Identificador e o Identificado para as orações do modo identificativo. Cumpre ainda lembrar que os participantes das orações possessivas, no modo atributivo, recebem os nomes de Possuidor e Coisa Possuída.

O que diferencia as duas modalidades de orações relacionais é o fato de que algumas são passíveis de reversão posicional entre seus participantes, sem que isso promova uma mudança de proeminência temática (identificativas). Já outras, quando realizado esse procedimento, demonstram uma mudança de proeminência temática (atributivas). Essa diferenciação gera organizações sintagmáticas distintas nos constituintes, a depender do modo em que a construção se apresente.

No que diz respeito à relação entre a estrutura sintagmática das orações relacionais e sua estrutura representacional, fixa-se, neste trabalho, um posicionamento que busca a interface entre a proposta systemicista, no que concerne a esse sistema de cláusulas, e o conceito de construção (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006). Notam-se alguns pontos de contato entre postulados da teoria systemicista e dois posicionamentos teóricos da Gramática de Construções:

Quadro 2: Interface entre o funcionalismo hallidiano e a perspectiva construcional

Convergências entre posições teóricas da LSF e da Gramática de Construções	
A língua é um inventário de formas que consistem em recursos para a significação (HALLIDAY, 1994)	O sistema da língua consiste em um conjunto estruturado de unidades simbólicas (LANGACKER, 1987)
O significado é construído pela experiência de mundo dos falantes, sendo as formas linguísticas resultado de suas	O significado é originado no uso e na experiência e o sistema gramatical é motivado (GONÇALVES, 2016, p. 09)

escolhas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004)	
---	--

Fonte: elaboração própria.

Voltando-se para a perspectiva construcional, observa-se que Goldberg (1995) define construções como pareamentos entre formas e significados (semântico-pragmáticos) que são convencionalizados pelo uso linguístico. Já em Goldberg (2006), pode-se constatar a concepção de construção como esquema construcional que pode variar em grau de complexidade e tamanho. Por conseguinte, “palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos preenchidos parcialmente e padrões frasais mais gerais” (GONÇALVES, 2016, p. 22) são considerados como construções.

No bojo dessas considerações, também podem ser enquadradas como construções as *construções de estrutura argumental* – conceito que abarca as estruturas sintagmáticas em que se verifica a relação entre o verbo e seus complementos –, categoria em que se inserem as orações relacionais. Ao tratar desses tipos de construções, Goldberg (1995, 2006) distingue entre *papéis participantes* (selecionados pelo verbo) e *papéis argumentais* (possibilidades previstas pela construção). O ponto crucial dessa diferenciação recai no fato de que, embora alguns constituintes não sejam necessariamente previstos pelo verbo, no âmbito da construção, eles exercem papel fundamental. Recordar-se que esse conceito considera a dimensão pragmática do sentido no pareamento forma-significado, ou seja: o significado é concomitantemente semântico e pragmático.

Ao passo que alguns verbos, como *verbos de ação* e *ação-processo*, apresentam a tendência de perfilar certos papéis participantes (Agente, Paciente e Beneficiário), *Verbos de estado* revelam não possuírem uma tendência inferível na seleção de seus papéis participantes. A investigação empreendida por Santana (2021) demonstrou, por exemplo, que o verbo *ser* (processo relacional por excelência) pode selecionar uma gama bastante variada de papéis participantes:

(6) *as agressões* [COISA QUALIFICADA] *foram* [PROCESSO] *tão intensas* [QUALIDADE]. (BOL, 2018)

(7) *ser* [PROCESSO] *homem* [CLASSE]. (BOL, 2018)

(8) *Essas [AREF] foram [PROCESSO] as últimas palavras [AREF].* (BUZZFEED BRASIL, 2014)

(9) *parece que essa luta [COISA POSSUÍDA] é [PROCESSO] só nossa [POSSUIDOR] mas na verdade é [PROCESSO] de todo mundo [POSSUIDOR].* (GLOBO ESPORTE, 2017)

(10) *Minha luta [OBJETIVO] é [PROCESSO] para existir com todas as minhas identidades de gênero [FINALIDADE].* (GLOBO ESPORTE, 2017)

(11) *Foi [PROCESSO] na adolescência [TEMPO] que.* (BUZZFEED, 2014)

(12) *Foi [PROCESSO] onde [LUGAR] eu conheci a maior repressão sobre o meu eu no mundo.* (GLOBO ESPORTE, 2017)

Na modalidade identificativa (exemplos 3, 4, 5 e 7), em que se estabelece uma relação de simetria referencial entre os participantes da oração relacional ($A = B$), o verbo *ser* é o que apresenta maior frequência, como destacam Halliday e Matthiessen (2014). Nos exemplos referentes a essa modalidade, pode-se observar a ocorrência de quatro pares de papéis participantes, resultando em um total de oito tipos de papéis selecionados pelo verbo *ser*.

Por sua vez, os exemplos relativos à modalidade atributiva (1, 2 e 6), em que há maior tendência na ocorrência de outras formas verbais, e que estabelece uma relação de qualificação, classificação ou localização de entidades (*A é qualificado/classificado como B; A é localizado em B*), também apresentam diferentes possibilidades de papéis participantes. Os exemplos registram três pares, o que resulta em seis diferentes tipos de papéis selecionados.

Por conseguinte, ao considerar-se a totalidade dos exemplos apresentados, constata-se que o verbo *ser* é capaz de selecionar, ao menos com base na amostra de Santana (2021), 14 tipos de papéis participantes. Isso revela um sistema de construção oracional em que a centralidade do verbo parece exercer um papel menor se comparado a estruturas oracionais de outros domínios, como o material, o mental e o verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A noção de emparelhamento de papéis temáticos (neste trabalho, usa-se emparelhamento de papéis participantes) levantada por Santana (2021), a respeito da estrutura conceitual das orações relacionais, consiste em mais um indicativo da baixa centralidade do verbo codificador do processo relacional. Os papéis que figuram em torno do eixo processual

parecem estar relacionados diretamente, e não como posições que se originam e são requeridas pela semântica do verbo codificador – observe-se que estamos falando da relação entre os papéis participantes, mas não de suas relações sintagmáticas, tampouco da semântica do verbo.

Com essa afirmação, não se objetiva defender a ideia de que as formas verbais codificadoras de processos relacionais sejam destituídas de significado, consistindo em palavras gramaticais, tal como alguns autores da tradição gramatical – veja-se Luft (2003), que afirma serem os verbos de ligação meros conectores gramaticais. Ao contrário, na perspectiva teórica da LSF, toda a estrutura formal da cláusula possui seu correlativo ideacional (semântico-cognitivo). Consequentemente, os verbos de ligação, que é o grupo de verbos considerado mais prototipicamente relacional, não são destituídos de significado, pois a noção de relação, nessas orações, é configurada pelo processo. Sem a presença do processo, obteríamos apenas um conjunto de unidades gramaticais e significativas sem unidade. Basta que se apague o verbo nos exemplos de 1 a 7 para que isso possa ser demonstrado.

Contudo, a relação instanciada pelo processo relacional apresenta uma natureza generalizadora. Além do conteúdo relacional, o outro aspecto que pode ser apontado no que tange à semântica dessas formas é o tipo de desdobramento temporal realizado. Trata-se de um desdobramento temporal estático, que revela, ao nível da experiência do falante, uma tendência sintética (generalizadora), tal como afirmava Peirce (2010) sobre a atividade cognitiva do sujeito.

Na próxima seção, em que se discutem os resultados, poderá ser examinado que a diversidade de tipos de constituintes, nas cláusulas intensivas atributivas, também é bastante ampla. Isso revela uma correlação entre o nível morfossintático e o semântico-pragmático, como afirmam as principais tendências funcionalistas hodiernamente.

Análise de dados

Esta seção apresentará os resultados gerais e a descrição da natureza morfossintática e semântica da amostra selecionada. Buscou-se maior acuidade no tratamento das especificidades relativas ao estatuto léxico-gramatical dos constituintes em consonância com os parâmetros descritivos arrolados por Santana (2021). Finaliza-se apresentando o alcance a que se pode chegar no estudo das orações relacionais através da interface com o conceito de *construção* de Goldberg (1995, 2006).

Santana (2021) demonstrou que duas redes ideacionais eram acionadas quando vítimas de violência homofóbica escolhiam as orações relacionais intensivas atributivas para comunicarem sua experiência, quais sejam: a rede de qualificação e a rede de classificação. A análise das 91 orações identificou a seguinte compartimentalização:

Tabela 1: Redes ideacionais acionadas pelo uso de orações relacionais intensivas atributivas em sequências de relatos de violência homofóbica

Rede ideacional	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
Qualificação	52	57,14%
Classificação	39	42,86%
Total	91	100%

Fonte: elaboração própria.

Esse potencial de significado, que é estruturado nessas duas redes, não apresenta uma correlação categórica entre a estrutura representacional da oração e sua estrutura sintagmática. Na verdade, diferentes configurações léxico-gramaticais podem codificar a experiência representada pela oração, como pode se observar na tabela abaixo:

Tabela 2: tipos de arranjos sintagmáticos

Combinatórias Sintagmáticas	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
Ø + V + Sadj	20	21,98%
SN + V + Sadj	16	17,58%
Ø + V + SN	16	17,58%
Pron + V + Sadj	12	13,19%
SN + V + SN	11	12,09%
Pron + V + SN	06	6,58%

SN + V + Sprep	02	2,20%
SO + V + Sadj	02	2,20%
Pron + V + Pron	01	1,10%
V + Sadj + Sprep	01	1,10%
Ø + V + SO	01	1,10%
V + SN + Pron	01	1,10%
Sprep + V + SN	01	1,10%
Pron + V + Sprep	01	1,10%
<hr/>		
Total	91	100%

Fonte: elaboração própria.

Nota-se que os três arranjos sintagmáticos mais produtivos ([SN + V + Sadj]; [Ø + V + Sadj]; [Pron + V + Sadj]) foram os que codificaram o participante Atributo (terceira posição) por Sadj. Esses arranjos somam 48 ocorrências (52,75%) do total de 91 ocorrências (100%) de orações intensivas atributivas.

Esses arranjos codificaram significados acionados pela de rede de qualificação, que também acionou os arranjos: [SN + V + Sprep] – duas ocorrências (2,20%); e [SO + V + Sadj] – duas ocorrências (2,20%). Verifica-se um total de seis arranjos sintagmáticos responsáveis pela codificação das orações intensivas atributivas oriundas da rede de qualificação.

Outra observação importante é a de que das 52 ocorrências de orações intensivas atributivas qualificadoras, apenas duas (3,85%) não apresentaram Sadj como codificador do Atributo, sendo que as outras 50 orações (96,15%) o apresentaram.

Além disso, quando observada a estrutura argumental do Processo codificador dessas orações, constata-se uma ordenação fixa dos participantes em 100% das ocorrências. A primeira

posição foi ocupada pelo Portador. A segunda posição coube ao Processo. Ficando a terceira posição ocupada pelo Atributo.

Relativamente às estruturas sintagmáticas acionadas pela rede de classificação, 39 ocorrências (42,86%), observou-se um conjunto de nove arranjos, o que revela maior gama de recursos léxico-gramaticais para a expressão dos significados acionados por essa rede. As combinatórias mais produtivas foram: $[\emptyset + V + SN]$ – 16 ocorrências (17,58%); $[SN + V + SN]$ – 11 ocorrências (12,09%); e, $[PRON + V + SN]$ – seis ocorrências (6,58%). Esses três arranjos foram responsáveis pela codificação de 33 ocorrências (87,18%) das 39 (100%) de orações relacionais atributivas classificadoras.

Os outros seis tipos de combinatória codificaram apenas uma ocorrência cada (1,10%), o que aponta menor produtividade em relação aos três arranjos mais recorrentes. Todavia, cabe perceber que a rede de classificação apresentou mais opções de constituintes codificadores do participante Atributo do que a rede qualificadora, somando um total de cinco tipos de configurações morfossintáticas: SNs, Sads, SO, Sprep e PRON.

Interpretamos esse diagnóstico com base no principal critério distintivo que embasa a definição das duas redes, qual seja: o da referencialidade. Ao passo que a rede de qualificação não expressa significados referenciais, a rede de classificação fica responsável por realizá-lo. Na primeira rede, o significado realizado refere-se a uma característica que pode ser atribuída indistintamente a diversos tipos de entidades, como objetos, animais, ações, instituições etc. Entendemos que isso é possível porque, nesse caso, o Atributo opera um juízo de valor (de natureza não referencial) sobre o conteúdo referencial codificado pelo núcleo do SN. Na segunda rede, uma entidade é classificada como pertencente a uma categoria de coisas, seres etc., passíveis de verificação no mundo extralinguístico.

No discurso, as funções de qualificar e classificar são motivadas por propósitos distintos. Ao qualificar uma entidade, o falante expressa sua avaliação, que pode ser positiva, negativa ou neutra, como no exemplo 13 em que a avaliação é positiva:

(13) *Muitas travestis no Brasil são extremamente boas no esporte.* (GLOBO ESPORTE, 2017)

Já ao classificar uma entidade, o falante intenciona operar uma descrição da entidade como membro de um conjunto de coisas observáveis no real da vida social, como no exemplo 14, em que o Atributo codifica uma categoria de lugares que discriminam os indivíduos:

(14) *o futebol ainda hoje é um lugar repelente para as pessoas diferentes.* (GLOBO ESPORTE, 2017)

Ao analisar-se a posição ocupada pelo Portador, se verificará que das 91 ocorrências 37 (40,66%) foram de apagamento formal do participante. Já a escolha por SNs foi constatada em 29 ocorrências (31,87%). Em terceiro lugar, vieram os pronomes, que somam 21 ocorrências (23,08%). Em menor número, houve duas ocorrências (2,20%) de Sprep como codificador do Portador e duas ocorrências (2,20%) de sintagma oracional como codificador desse participante.

A explicação para a significativa ocorrência de apagamento formal do participante Portador é de natureza textual (coesiva). Quando a vítima relata acontecimentos relacionados à violência sofrida, e esses acontecimentos perfilam na sequência textual uma mesma entidade, há, como efeito do princípio da economia, a necessidade de se evitar a repetição, tendo em vista que o encadeamento textual permite, sem muito esforço cognitivo, a recuperação do referente. Veja-se o exemplo a seguir:

(15) depois, abandonou. “Foi onde eu conheci a maior repressão sobre o meu eu no mundo. [*PARTICIPANTE FORMALMENTE APAGADO*] *Foi tão forte* que ainda hoje eu sinto inacabado”, lembra Victor, de 27 anos. (GLOBO ESPORTE, 2017)

O trecho sublinhado apresenta uma oração atributiva cujo participante Portador encontra-se apagado. Na tessitura textual do relato, a inferência de quem seja esse participante é possível, pois o trecho que imediatamente o antecede, “a maior repressão sobre o meu eu no mundo”, consiste exatamente na referência textual do Portador.

O último eixo da construção a ser analisado concerne ao do predicador. Considerado o verbo prototípico do domínio relacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), foi o verbo *ser* o que mais ocorreu, como demonstra a seguinte tabela:

Tabela 3: As formas verbais registradas

Formas verbais	Número de Ocorrências	Percentual de Ocorrências
Ser	80	87,91%
Estar	07	7,69%
Ficar	02	2,20%
Virar	01	1,10%
Ter	01	1,10%
Total	96	100%

Fonte: elaboração própria.

O alto índice do verbo *ser*, tanto nas orações atributivas qualificadoras, quanto nas orações atributivas classificadoras, revela uma fluidez comportamental e uma alta produtividade dessa forma verbal. Ao mesmo tempo, demonstra que a relação que o processo estabelece com seus participantes não é hierárquica, como em outros tipos de construções argumentais. Tentar explicar a seleção dos papéis temáticos e a natureza dos constituintes das orações atributivas tendo como centro o verbo *ser* resulta em um esforço pouco frutífero. Muitos são os papéis e os tipos de constituintes presentes na estrutura dessas orações.

Contudo, a finalidade de relacionar entidades, categorias e qualidades persiste em todas as ocorrências desse processo na amostra selecionada. Isso se dá porque o significado mais prototípico desse verbo é o de expressar *relação*. Na conjunção do significado de *relação* e dos papéis temáticos codificados nos participantes é que se chega à especificidade do tipo de relação construída pelo falante. Isso pode ser verificado em todos os tipos de orações relacionais analisados por Santana (2021). O pesquisador revelou cinco tipos de relações operadas pela combinatória de processos mais participantes:

X é localizado em A:

(16) *Souza [Coisa localizada] estava no litoral do estado [Lugar]. (BOL, 2018)*

X é classificado como A:

(17) Além de *jogadora [Classe]*, *Carla [Coisa classificada]* é *maquiadora [Classe]* e *cabeleireira [Classe]* no município. (GLOBO ESPORTE, 2017)

X é caracterizado como A:

(18) O nome Victor é fictício, mas *a história [Coisa qualificada]* é *bem característica [Qualidade]*. (GLOBO ESPORTE, 2017)

X possui A:

(19) *Carla[Possuidor]* não fala mais seu nome civil, mas o apelido da infância permanece: Kakah. Com 23 anos, ela mora no município de Apuairés, no interior do Ceará. Sem condições financeiras para arcar com o processo judicial, *ainda não tem os registros com o nome social: Carla Lima Moura [Coisa possuída]*. (GLOBO ESPORTE, 2017)

X é identificado como A:

(20) *Ela disse pra mim: "eu acho muito legal você ser gay, mas não faz nada na minha frente porque eu vou ter nojo de ver dois homens se beijarem" [Identificador]*. Acho que até hoje, mesmo depois de tanto tempo, *ainda foi o que mais me marcou [Identificado]* porque era uma pessoa que eu tinha muito carinho, ela era super esclarecida e a gente estava junto sempre. (UOL, 2016)

Partindo das motivações semântico-pragmáticas do falante ao se utilizarem de orações relacionais para narrarem experiências vivenciadas (como a da violência homofóbica, que é relatada nas orações componentes do *corpus*), não se pode ignorar que, ao escolher por uma determinada oração relacional, ele não intenciona expressar meramente uma relação, mas um tipo de relação específica, que se estabelece unicamente quando considerado o todo da oração, e não somente uma ou algumas de suas partes, como se pode observar nos dados de 16 a 20.

É com base nas constatações aqui expostas e nas reflexões que delas se originaram que o presente texto pretende iniciar uma proposta de interface com o conceito de construção desenvolvido no campo da Gramática de Construções, especialmente com o conceito desenvolvido por Goldberg (1995, 2006). Desse modo, a abordagem linguística das orações relacionais ganha em nível de especificidade e em potencial heurístico.

Julga-se que muitas questões podem ser elucidadas à luz dessa interface. Uma dessas questões abarca a questão da presença de circunstâncias como participantes da oração. Vistas sob o prisma da centralidade do verbo, o enquadramento das circunstâncias como participantes pode se afigurar algo problemático. Entretanto, se abordadas no nível da construção, alcança-se, parcialmente, a resolução desse conflito.

Considerações finais

A proposição de uma abordagem construcional para as orações relacionais, em que as posições argumentais (codificadas pelo Processo e seus Participantes) estão relacionadas ao todo da construção, não representa negar que relações intraoracionais sejam estabelecidas entre seus constituintes. Isso representaria negar o perceptível, pois ao analisar-se uma oração relacional, pode-se verificar a ocorrência do fenômeno de concordância tanto do verbo com um de seus complementos (o sujeito), quanto dos complementos entre si.

Contudo, um posicionamento atomístico, segundo o qual a centralidade do verbo em relação aos demais constituintes seja um axioma quase irrevogável, pode gerar um efeito negativo ao nível da análise que se pretende factual e que preze pela especificação do fenômeno, no que concerne à descrição das orações relacionais intensivas atributivas. Em que pesem algumas constatações que permitam descrever essas orações sob a perspectiva da centralidade do verbo, não se obtém, contudo, uma descrição que dê conta da heterogeneidade constitutiva desse sistema de orações. Quando muito, chega-se a sínteses de natureza geral, que não obtém uma resolução relativamente consistente acerca da multiplicidade de seus usos.

Um olhar construcional sobre o funcionamento das orações relacionais intensivas atributivas permite compreender que os constituintes, processos e participantes que codificam e são representados por essas orações exercem um papel no eixo da construção. Desse modo, pode-se explicar o emparelhamento categórico que ocorre entre os papéis participantes dessas construções. Fica explicado, também, a razão de uma forma verbal, como o verbo *ser*, selecionar tantos e tão diferentes constituintes e papéis temáticos.

Por fim, essa perspectiva também permite vincular essas construções às motivações pragmáticas que lhes originaram. No caso das orações relacionais intensivas atributivas, a motivação nasce das necessidades do falante em comunicar seus juízos de valores sobre coisas, seres, ideias, etc. do seu entorno social. De sua necessidade de organizar sua experiência em

categorias. De seus processos cognitivos responsáveis por operarem a síntese dos fatos que vivencia, seja externamente, seja internamente.

Referências

ARISTOTELES. *Órganon: Categorias, Da Interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. Bauru: EDI-PRO, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, [1985] 2007.

GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 4 ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Arnold, 2014.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, p. 133-148. 2012.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, [1972]2000.

SANTANA, J. L. R. F. “*É difícil andar na rua sem ter medo*”: o papel das cláusulas relacionais em relatos de vítimas de violência homofóbica. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 2021.

VIEIRA, F. E. *A gramática tradicional: história crítica*. São Paulo: Parábola, 2018.